

A educomunicação como instrumento para um conhecimento participativo e plural¹

Gislan VITALINO²

Luciana Teles MOURA³

Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES

Resumo

O presente trabalho propõe analisar um modelo de ensino educ comunicativo no contexto da educação das escolas públicas brasileiras que permita ao educando uma participação mais ativa e que insira sua subjetividade na construção de um conhecimento coletivo, além de buscar uma maior fixação dos conteúdos ministrados em sala de aula através da procura pela aplicação dos mesmos na realidade cotidiana dos estudantes. Para tanto, buscamos compreender a educação pública em José Carlos Libâneo, amparado em um caminho aberto por Paulo Freire. Em conclusão, percebemos uma má-utilização das possibilidades de uma educação comunicativa, que pode ser uma ferramenta para a possibilidade de um estudante ativo e co-produtor de conteúdos resultantes da sua perspectiva dos processos educacionais.

Palavras-Chave

Educação pública; educomunicação; internet; smartphone; novas tecnologias.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca, usando como metodologia a pesquisa bibliográfica, entender a viabilidade da educomunicação como uma ferramenta para uma educação mais inclusiva e com uma maior participação ativa do estudante no processo educacional. A partir das críticas ao modelo de educação tradicional, buscamos entender como intervir de forma positiva e utilizando meios tecnológicos para a promoção da educação comunicativa.

Em “Uma Educação Direcional” as perspectivas de Paulo Freire e José Carlos Libâneo a respeito do modelo educacional tradicional brasileiro, com foco na educação pública. A partir disso, podemos entender formas de intervenção que buscassem a quebra desse modelo tradicional caracterizado pelo papel de receptor passivo dos

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais - do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Estudante de Jornalismo na Universidade Vila Velha. E-mail: gislanvitalino@gmail.com

³ Publicitária, Doutora em Psicologia, orientadora do trabalho. E-mail: luciana.moura@uvv.br

estudantes. O segmento seguinte, “Velho mundo a nova maneira” nos mostra como o modelo educacional limitou seu papel a reproduzir o modelo tradicional, apenas amparando-o tecnologicamente. Ainda assim, percebemos em “O vilão aponta a rota de fuga” que a tecnologia, principalmente após a chegada do smartphone, preocupa os educadores, enquanto se ignora todo um novo horizonte possibilitado por essa ferramenta. Por fim, “O estudante como personagem principal” nos permite pensar o estudante com um papel ativo no modelo educacional, colaborando e co-criando cultura e conhecimento, amparado pelas possibilidades que surgem com as novas tecnologias.

2. UMA EDUCAÇÃO UNIDIRECIONAL

Compreender os desafios da educação pública no Brasil é uma tarefa que tem demandado um esforço contínuo dos pesquisadores envolvidos. No artigo “O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres”, José Carlos Libâneo (2012) reconhece variadas propostas sobre as funções da escola.

É possível distribuir essas funções em dois principais caminhos, polarizados e distintos, para os quais têm se encaminhado educação brasileira. Segundo o autor, enquanto uma educação para os filhos dos ricos caminha para a crescente valorização do conhecimento, para os pobres, essa perspectiva é confrontada com uma “escola do acolhimento social, da integração social e dedicada, primordialmente, a missões sociais de assistência e apoio” (LIBÂNEO, 2012. p. 16).

Ao contrário do que nos leva a crer o senso comum, Freire (2011), também não defende uma escola instrumentalizada para um acolhimento social, mas defende um processo de educação humanizada como um mecanismo que permita ao indivíduo reconhecer sua realidade, levantando hipóteses sobre seus desafios e permitindo-o a busca por soluções. nas palavras do autor, “A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais” (p. 38). Para tanto, defende também um processo que permita ao indivíduo um conhecimento para que este se liberte, não se permitindo ser um objeto, como é o objetivo da propaganda comercial ou política. “Uma educação que pretendesse adaptar o homem estaria matando suas possibilidades de ação, transformando-o em abelha. A educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem.” (p. 40). Percebemos que

educação defendida por Freire pretende estimular opções e não guiá-lo para um indivíduo social e dócil.

O resultado de uma educação que surge em meio a esse conflito, em que prioriza-se uma função de acolhimento social da educação, colocando em segundo plano a função as funções de capacitação para o conhecimento, tem criado uma “caricatura de inclusão social” em que “enquanto se apregoam índices de acesso à escola, agravam-se as desigualdades sociais do acesso ao saber, inclusive dentro da escola” (LIBÂNEO, 2012. p. 23), criando cidadãos mais solidários de forma a amenizar divisões entre as classes e maquiagem problemas ligados à preconceitos.

Para Libâneo, são duas as perspectivas de funções da educação que fogem ao problema encontrado:

Uma delas atribui prevalência à formação cultural e científica, em que se valoriza o domínio, pelos alunos, dos saberes sistematizados como base para o desenvolvimento cognitivo e a formação da personalidade, por meio da atividade de aprendizagem socialmente mediada. (...) A outra orientação valoriza experiências socioculturais vividas em situações educativas (cultivo da diversidade, práticas de compartilhamento sociocultural, ênfase no cotidiano etc.), obviamente com objetivos formativos. (LIBÂNEO, 2012. p. 24)

Ambas perspectivas tratam de uma educação que seja propícia ao conhecimento, pois, segundo o autor (LIBÂNEO, 2012. p. 26) “não há justiça social sem conhecimento; não há cidadania se os alunos não aprenderem.”, e que não é alcançada no modelo atual, em um insucesso que deve-se à um modelo tradicional que “está organizada com base em conteúdos livrescos, exames e provas, reprovações e relações autoritárias.” Interpretar essas críticas do ponto de vista do estudante que vive essa escola, nos permite perceber um personagem passivo, condicionado a um conhecimento autoritário, limitado a exames, provas e o conteúdo dos livros. Freire (2011, p.41) é mais específico ao defender, em caráter de urgência, uma educação que promova, além do conhecimento, o desenvolvimento de uma “consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade”, o que requer uma educação que forme um indivíduo não para o papel de cidadão passivo e educado, mas de cidadão ativo, crítico e transformador da realidade em que se insere.

Uma perspectiva positiva para esse cenário, é a ideia de que educadores possam assumir uma direção que guie o estudante para fora dessa função passiva, capacitando-o para o aprendizado. A partir desta perspectiva, o aluno passa a capacidade de aprender a

partir da sua própria curiosidade. Em Filho (2011. p. 54), temos a materialização desse papel na figura do “professor animador do saber”, que se caracteriza por ser “aquele que não faz surgir respostas para os problemas, mas as problemáticas, suas relações, as interdependências, as totalidades.” Promovendo no estudante a capacidade de questionar e buscar por si mesmo um aprofundamento nas questões necessárias. “O professor animador revela ao aluno não o conhecido, mas aponta para o desconhecido.”.

Para além da perspectiva do profissional que visa cumprir esse papel de professor animador, o surgimento de um diálogo entre os campos da comunicação e da educação cria a perspectiva de uma pedagogia (ou comunicação) que contribui para esse cenário.

3. O VELHO MUNDO À NOVA MANEIRA

Ao longo dos anos 70, quando organizações e entidades passam a usar os meios de comunicação em projetos de promoção da cidadania, conscientização e problematização da sociedade, temos o nascimento de uma forma ainda não perfeitamente desenhada do que viria a se tornar uma mídia alternativa. A proposta nos mostra que a inter-relação entre os elementos básicos da comunicação e da educação permitem uma maior autonomia no processo educativo (BONDEZZAN, 2008).

A necessidade da constituição de um novo campo da educação que utilize os meios de comunicação em seu favor se torna evidente no final da década de 90, com a ascensão da internet. (BONDEZZAN, 2008). A época, se destacava a possibilidade de acesso a uma enormidade de conteúdos. Hoje, percebemos que essa ferramenta possibilitou também a propagação e a criação acessível de conteúdos próprios.

Entretanto, nesse novo cenário, a educomunicação encontra como desafio a construção de espaços em que sua utilização supere o modelo já criticado da educação tradicional, com métodos autoritários e estudantes passivos. Mário Kaplún afirma que:

O diálogo entre a educação e a comunicação está longe de ser - até agora - fluido e frutífero. O mais frequentemente tem sido que a primeira (a educação) entendesse a segunda (a comunicação) em termos subsidiários e meramente integrais, concebendo-a tão somente como veículo multiplicador e distribuidor dos conteúdos que ela predetermina. (KAPLÚN, 2014. p. 59).

Como proposta de intervenção positiva, Fortunato e Penteadó (2015. p. 383) falam na construção de “ecossistemas comunicativos”, que se fazem necessários pois a educomunicação “não deve ser aquela que somente leva conteúdos a distâncias, mas a

que se constitui na medida em que, ao unir a comunicação com a educação, contribui para a transformação.”. Essa utilização, promove um cenário oposto ao criticado por Libâneo (2012). Aqui, a proposta é promover uma educação que contemple “o intercâmbio e a partilha de experiências, comportamentos e sentimentos, estabelecendo relações e transformando a existência isolada em uma existência “social comunitária” (FORTUNATO e PENTEADO, 2015. p. 383). Soares (2001. p. 2) afirma que “O objetivo principal é o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo.”.

O desenvolvimento dos meios de comunicação, nos últimos 50 anos, revolucionou o processo comunicacional e trouxe novas possibilidades educativas. No entanto, ainda não cumpriu a profecia de ampliação e melhoria da educação, mesmo com o aumento ao acesso à informação. (FORTUNATO e PENTEADO, 2015, p. 378)

Esse desenvolvimento foi acompanhado também pelo alcance dos aparatos tecnológicos em meio a população. Os smartphones passam a ser o ponto central da discussão quando, dentro de sala de aula, os professores são forçados a disputar a atenção dos estudantes com dispositivos que viabilizam o consumo de entretenimento. Os aparelhos são apontados como uma “concorrência desleal” por Fortunato e Penteado (2015. p. 384).

A partir desse cenário, os aparelhos são vistos como os grandes vilões para um processo educacional bem-sucedido, pois, em um cenário já caracterizado como autoritário, o objeto é enxergado como algo cujo único objetivo possível é tirar do professor a autoridade sobre a turma. Freddo (et al. 2016. p. 78) apontam que “Educadores apresentam smartphones como algo que estimula a indisciplinaridade e a diminuição da capacidade de concentração do aluno em sala de aula”.

4. O VILÃO APONTA A ROTA DE FUGA

A perspectiva de medo não é surpreendente quando enxergamos que o processo de formação dos professores não os prepara para disputar a atenção com pequenos computadores individuais nas mãos de cada estudante. Segundo Freddo (et al. 2016. p. 78), “Os professores sentem-se, muitas vezes, intimidados diante daquilo que obtiveram pouco estudo técnico.” O que se perde nesse processo são as inúmeras possibilidades trazidas para esse cenário, em que cada estudante possui em suas mãos um pequeno computador pessoal, acesso à internet e que possibilita a criação de múltiplos formatos

de conteúdos de mídia. “Com smartphones, custosos laboratórios de informática deixam de existir.” Freddo (et al. 2016. p. 78), portanto “Smartphones assumem o papel de agentes transformadores e revolucionários dessa sociedade contemporânea.”..

Os autores apontam que não é necessário que os professores passem a ministrar aulas-shows, com didáticas apelativas, para vencer essa concorrência, mas isso é possível ao aprender a utilizar de forma criativa os meios tecnológicos, em prol do processo educacional. Fortunato e Penteadó (2012. p. 179) sintetizam: “A tecnologia precisa ser trazida para dentro da escola e compreendida por toda a comunidade escolar.”. A proposta viabiliza um cenário de sala de aula que nos permite aliar os aparelhos às abordagens educacionais objetivadas, tirando dos objetos o papel de vilão e aliando-os a uma educação que nos permita dar voz ao estudante, contribuindo para uma expressão da sua perspectiva sobre o conteúdo ministrado.

5. ESTUDANTE COMO PERSONAGEM PRINCIPAL

Essa possibilidade de produção ágil de conteúdo nos permite um encontro com um estudante que quebra o padrão do sujeito passivo pertencente a um processo de educação autoritário. A produção de um conteúdo pelo estudante a partir do conhecimento adquirido em conteúdo prévio em sala permite que o mesmo assuma agora a postura de co-criador do conhecimento, pois através da criação de mídias em formatos de texto, áudio, vídeo e fotografia, pode apresentar o que aprendeu a partir de sua perspectiva, bem como relacioná-la ao seu cotidiano ao produzir o conteúdo de mídia em questão.

O participante, ao romper essa cultura dilatada do silêncio que lhe foi imposta, passa a ‘dizer sua palavra’ e a construir sua própria mensagem, seja ela um texto escrito, uma canção, um desenho, uma peça de teatro, uma marionete, uma mensagem auditiva, um vídeo etc. Nesse ato de produção expressiva se encontra consigo mesmo, adquire (ou recupera) autoestima e dá um salto qualitativo em seu processo de formação. (Káplun, 2014. p. 69).

Esse processo de comunicação se efetiva também quando esse conteúdo é apresentado à uma comunidade escolar, pois o processo é potencializado quando seus produtos são efetivamente comunicados e potencializado conforme o alcance dessa comunicação. Káplun (2014, p. 78) afirma que “um sistema será mais educativo quanto mais rica for a trama de fluxos comunicacionais que souber abrir e pôr à disposição dos educandos.” Portanto, potencializar o alcance dos produtos resultantes do processo de

educação comunicativa criativa é potencializar, também, a efetividade do conhecimento adquirido pelos estudantes criadores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica a um modelo educacional que instrumentaliza a escola pública como uma forma de suprir as ineficiências do estado em sua função de acolhimento social, deixando em segundo plano a função de possibilitar a capacitação e o conhecimento, sinalizado por Paulo Freire e enfatizado por José Carlos Libâneo, é caracterizada, por uma educação tradicional e autoritária, que não compreende a perspectiva do estudante sobre os conteúdos que lhe são ofertados.

O surgimento da educomunicação, nesse contexto, apesar de possibilitar uma educação que quebre o modelo tradicional, dando voz ao estudante e permitindo sua contribuição no conteúdo, acaba por reproduzir essa perspectiva de expressão unilateral em sala de aula. O que seria a oportunidade de uma educação que atrai a atenção do estudante por permitir que esse se expresse, torna-se um instrumento de reprodução do modelo anterior de comunicação.

Com a chegada do smartphone, a questão se agrava, pois o aparelho passa a disputar com o professor a atenção do estudante. Ignora-se que esse aparelho possa ser agregado ao processo educacional, como uma ferramenta que permite a expressão do educando aliada à contribuição de sua perspectiva a respeito do conhecimento ministrado pelo educador.

Trabalhar essa perspectiva, por meio da criação de conteúdos de mídia em distintos formatos (vídeos, textos, podcasts e fotografias) pode ser encarado como uma possibilidade de trazer o estudante para dentro do processo educacional, não mais como um receptor de conteúdo, mas como um co-criador e transmissor e co-transmissor desse conteúdo, em um processo ampliado e efetivado pelo alcance das redes sociais virtuais na divulgação dos conteúdos resultantes das mesmas.

6 REFERÊNCIAS

BONDEZZAN, M. **Educação e comunicação:** de um julgamento condenatório moralizante para uma relação dialógica democrática. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/87.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2008.

FILHO, Porfíria Amarília. Educação à Distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos Ambientes Virtuais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, ano 2011, v. 27, ed. 02, p. 41-72, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n2/a04v27n2>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

FORTUNATO, Ivan; PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. Educomunicação, ou Contra a Concorrência Desleal entre Educação e a Mídia do Espetáculo. **ETD - Educação Temática Digital**, São Paulo, p. 377-393, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637453>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

FREDDO, Ademir et al. Impasse aos Desafios do uso de Smartphones em Sala de Aula: Investigação por Grupos Focais. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias da Informação**, [S. l.], p. 77-92, 2016. Disponível em: <<http://www.risti.xyz/issues/risti19.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. ISBN 978-85-7753-170-7.

KAPLÚN, Mário. Uma pedagogia da Comunicação. **Educomunicação para além do 2.0**, São Paulo, p. 55-78, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, p. 13-28, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/aop323.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas afinal o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, ca. 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.